

FUNDAMENTOS PARA PESQUISAS SOBRE MASCULINIDADES E LITERATURA NO BRASIL

Luiz Carlos Santos Simon (UEL)¹

Resumo: Este artigo apresenta fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e literatura no Brasil. O texto lida com particularidades e problemas no estudo do assunto e mostra como funcionam as conexões com outros temas como violência, o corpo, paternidade, educação e crítica feminista. Há comentários sobre autores brasileiros que possuem obras literárias relevantes para as questões das masculinidades. São apresentadas também informações e discussões sobre títulos bibliográficos publicados dentro e fora do Brasil. O objetivo do artigo é estimular o surgimento de pesquisadores que aceitem unir as masculinidades aos estudos literários.

Palavras-chave: Masculinidades; Literatura brasileira; Bibliografias; Homens.

Pesquisar as manifestações das masculinidades na literatura, no Brasil, pode soar como uma autêntica aventura. Circulando com esta ideia há poucos anos por algumas instituições de ensino superior, a universidade em que trabalho e outras que sediam eventos científicos, e em contato com diversos colegas dos estudos literários, posso afirmar que, em geral, as reações de outros pesquisadores e profissionais da área diante desta iniciativa são de surpresa. Há motivos variados para estes estranhamentos ou desconcertos. O principal deles é o fato de ser matéria ainda pouco estudada na área de Letras. Outras justificativas podem ser também apontadas: a timidez em torno dos estudos de masculinidades no Brasil, mesmo levando em consideração outros setores do conhecimento; o fato de ser o estudo empreendido por alguém do sexo masculino, o que torna ainda mais incomum a empresa; e as críticas que partem dos estudos feministas ou as que se dirigem ao conjunto dos estudos das relações de gênero e que inevitavelmente resvalam para as

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina. Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. E-mail: csimon@uel.br

masculinidades. Um traço comum a todas estas justificativas para o espanto está no efeito que elas surtem, pretendem surtir ou deveriam surtir: todas tendem a desencorajar pesquisas dessa natureza. Como se pode notar, apenas por estas primeiras linhas e apesar de não percorrer há tanto tempo este rumo, ainda não desisti da questão nem pretendo abandoná-la em breve. Passo, portanto, ao comentário de cada um dos motivos para surpresa diante da notícia de uma pesquisa sobre masculinidades e literatura, até porque esse exame já revela algumas particularidades do estudo.

É curioso que, na área de Letras, no Brasil, haja um número acanhado de estudos no âmbito das masculinidades. Considerando que a área é muito extensa – segundo dados da ANPOLL, são 126 programas associados de pós-graduação em Letras e Linguística – e que os estudos de gênero e as pesquisas feministas já têm longa trajetória – o grupo de trabalho “Mulher e Literatura”, um dos pioneiros da ANPOLL, e outros grupos de pesquisa em diversas universidades, além de iniciativas editoriais atestam tradição nesse percurso –, poder-se-ia imaginar que as questões masculinas despertassem com maior força os interesses dos estudiosos. Pode-se argumentar que os estudos feministas ainda se defrontam com grande trabalho a ser realizado, resultado de muitos anos em que as experiências femininas e as autoras de textos literários foram negligenciadas ou até sumariamente esquecidas, e que tudo isso provocaria a necessidade da persistência em focalizar situações específicas das mulheres. O argumento estará correto, mas a proximidade entre as questões femininas e as masculinas poderia ensejar a curiosidade pela abordagem das práticas dos homens, o que ainda não ocorre em larga escala, a despeito de um interesse mais expressivo no assunto, identificado em outros campos do conhecimento, como Psicologia, História, Sociologia, Antropologia e Saúde. Cabe registrar que a ênfase maior sobre as masculinidades, independentemente da área do conhecimento em que o estudo se inscrever, não pressupõe o abandono da perspectiva feminista. Essa ideia, porém, se mostra mais assimilada, no Brasil, por psicólogos, historiadores, sociólogos e antropólogos do que no âmbito dos estudos literários.

Uma comparação entre títulos de edições brasileiras e estrangeiras disponíveis sobre masculinidades é suficiente para ilustrar o descompasso da produção sobre o assunto dentro e fora do Brasil. Na extensa bibliografia reunida ao fim deste trabalho, houve o esforço de reunir número expressivo de livros relevantes que já foram publicados sobre masculinidades por editoras brasileiras. É natural que, em levantamentos dessa natureza, haja um ou outro deslize: algum título pode, involuntariamente, ter deixado de ser incluído. Ainda assim, foram incorporados às referências bibliográficas cerca de trinta livros, dentre os quais vários são traduções. Outra pesquisa foi feita no endereço eletrônico internacional da livraria Amazon, em busca de livros que tivessem como assunto “*masculinities*”: o resultado apontou mais de 8 mil títulos. A diferença é brutal, e mesmo que se reconheça a possibilidade de haver repetição de títulos e o fato de que, da longa lista, constam livros editados em vários países, é preciso encarar que aquele endereço armazena um material limitado, de acordo com as conveniências comerciais do estabelecimento: diversos livros esgotados, por exemplo, estão, com certeza, excluídos do acervo. Essa diferença deve ser interpretada não apenas por parâmetros de interesse pelo objeto de estudo, mas também pelos padrões de temporalidades distintas entre o Brasil e alguns países –

Estados Unidos e Austrália são alguns deles – onde as masculinidades já acumularam uma fortuna crítica mais significativa. Uma das obras mais citadas em trabalhos sobre o assunto é *Masculinities*, de R. W. Connell, título simples que dispensa o acréscimo de subtítulos explicativos. Esse livro foi escrito em 1995, após mais de uma década de circulação de diferentes formas de publicação a respeito das práticas masculinas: livros, artigos em periódicos e anais de eventos. Nas referências bibliográficas do livro de Connell, há grande variedade de textos editados nos anos 1970 e 1980, especialmente nesta última década. No Brasil, o interesse apenas começa a surgir, de forma mais sistemática, nos anos 1990 e ainda assim com manifestações quase isoladas como a de Sócrates Nolasco (1993 e 1995). A título de informação ainda: o livro de Connell, mais de vinte anos após ter sido escrito, não tem tradução para o Brasil.

No que diz respeito à relação entre as coincidências do sexo do pesquisador com a natureza do objeto da pesquisa, é preciso reconhecer o terreno escorregadio da questão. Já existe, contudo, reflexão acadêmica sobre o assunto. O sociólogo Daniel Welzer-Lang identifica “obstáculos que impedem os homens de desconstruir o masculino” que devem, segundo o autor, ser superados para que se transcenda também o androcentrismo, problema central para o desenvolvimento do estudo das práticas dos homens. Um dos obstáculos é assim sintetizado pelo autor: “Que os pesquisadores deixem para trás o tradicional hábito masculino de não falar de si, de não querer ‘trair’ os segredos que eles partilham, enfim que os pesquisadores comecem a se interessar pelo seu gênero.” (Welzer-Lang 2004: 112). A noção da existência de um condicionamento que inibe os homens no desnudamento de sua condição masculina e no exercício de seu papel de pesquisadores é algo a ser considerado e pode ser um dos aspectos pressentidos naqueles que se surpreendem com a notícia de um homem estudando masculinidades. O (suposto) desinteresse pelo próprio gênero é uma espécie de avesso da invisibilidade: a dominação masculina existe, é real, mas é também naturalizada, o que teria como equivalente sustentar que sobre ela não há nada a declarar ou, ainda, o que é pior, que se deve silenciar a respeito da dominação para que ela prossiga em sua rota, incólume. Desafiar esse pacto de silêncio não é um ato simples; pode ser entendido como traição; pode ser recebido com reticências; corresponde, no entanto, a um esforço para um conhecimento maior, para um autoconhecimento, a um desejo de mapear e nomear práticas masculinas que deveriam, em alguns casos, ser evitadas. De qualquer modo, o diagnóstico de Welzer-Lang é confirmado por um levantamento realizado junto ao banco de teses da Capes quanto ao sexo dos pesquisadores que se debruçam sobre as masculinidades: os homens representam pouco mais de um terço dos autores das pesquisas, nas diversas áreas do conhecimento, que se tornam dissertações de Mestrado e teses de Doutorado. É um número pequeno que fica à espera da adesão de outros estudiosos dispostos a se desvencilhar de supostos compromissos com os demais homens e enfrentar um campo que oferece múltiplas frentes de trabalho.

A ideia de que os estudos das masculinidades constituem alvo de críticas variadas nos exercícios acadêmicos e que essas objeções podem figurar na raiz do espanto quanto ao ingresso de um pesquisador nesse território não é infundada. Connell e Messerschmidt (2013: 242), recentemente, dedicaram-se a compilar, em artigo, as utilizações específicas do conceito de masculinidade hegemônica e, logo no

início do texto, justificam assim a pertinência do trabalho: “Pesquisas em banco de dados mostram mais de 200 artigos que usam o termo exato ‘masculinidade hegemônica’ em seus títulos ou resumos”. As referências de outros autores ao conceito muitas vezes são carregadas de rejeição, o que já indica a grande repercussão de uma determinada ideia, relevante para o debate, mas que representa apenas uma parcela dos estudos das masculinidades. Antes disso, ainda, no Brasil, em capítulo de livro publicado em 2002, Rosely Gomes Costa sentiu a necessidade de reunir comentários e marcar posições sobre críticas dirigidas ao conjunto dos estudos de masculinidades em artigos e eventos científicos. Em um desses posicionamentos, a autora questiona: “Por que é necessário primeiro resolver os problemas das mulheres para se estudar os homens se esses problemas dizem respeito justamente às relações de poder que envolvem ambos?” (Costa 2002: 220). Sem querer entrar no mérito do questionamento, embora a reação da autora já denuncie o teor da interpelação – estudar os homens seria inadequado uma vez que os problemas das mulheres persistem –, cabe outra inquietação: se as produções teórico-críticas em torno das masculinidades são recentes e não tão volumosas e, mesmo assim, o material em circulação causa tanta celeuma, é sinal de que as perspectivas analíticas utilizadas nesses estudos transitam em campo minado. Assim, a notícia de alguém disposto a ingressar nesse território conturbado de pesquisa tende mesmo a causar estranhamento ou até alguma suspeita de que aquele investimento vai esbarrar em riscos significativos. Ao invés de sucumbir diante de impasses e desconfianças, uma proposta de prosseguimento é a apreciação dos desdobramentos oferecidos pelo vasto campo da temática das masculinidades, o que tende a tornar mais concretas as possibilidades de pesquisa.

Desdobramentos temáticos

A amplitude das masculinidades requer do pesquisador uma divisão que facilite o acesso às particularidades da temática e viabilize a exequibilidade de um projeto dessa natureza. É certo que, na área dos estudos literários, pode sobressair antes o interesse por um determinado autor, romancista, poeta, dramaturgo, contista ou cronista que apresente farto material no que diz respeito às situações vivenciadas pelos homens. De qualquer modo, nem todas estas manifestações atrairão o apego do estudioso. Assim, uma das formas de compreensão das masculinidades está no reconhecimento de temas integrantes de um conjunto maior ou de assuntos correlatos que poderão se apresentar como alternativas mais cativantes para pesquisadores em fase de definição. Um trecho curto do livro da antropóloga Fátima Cecchetto, embora não contemple plenamente as especificidades de uma pesquisa em Letras, constitui exemplo útil ao propósito aqui. Ao se referir a tendências do debate contemporâneo sobre masculinidade, a autora endossa uma avaliação segundo a qual “ainda hoje temos uma forte concentração dos estudos sobre homens abordando a sexualidade; poucos são os que investigam a violência ou a paternidade” (Cecchetto 2004: 54). O trecho demonstra que, além do interesse nos estudos sobre homens, desponta, nos trabalhos dos estudiosos, a vontade de apurar o foco sobre determinado espaço desse cenário masculino. Esses espaços ou aquilo que chamei, deliberadamente de forma mais vaga, de desdobramentos são, no exemplo transcrito, a sexualidade, a violência e a paternidade. Uma das minhas

atividades iniciais na pesquisa, não só para minha própria organização, mas também para servir de norteamento dos alunos de pós-graduação e de graduação que me acompanham, foi a tentativa de localizar esses desdobramentos. São eles: a) as masculinidades segundo o espaço geográfico; b) as masculinidades segundo contextos de época; c) o corpo; d) estudos de masculinidades e estudos feministas; e) as masculinidades e os gays; f) a violência; g) a paternidade; h) educação, infância e juventude; i) a heterossexualidade; j) masculinidades hegemônicas e subalternas; k) crise do homem ou das masculinidades e vitimização; l) virilidade, desempenho e honra; m) representações na mídia; n) questões de gênero – masculino, feminino, homens, mulheres; o) estereótipos e suas alternativas; p) relações familiares; e q) amor, afetos e emoções.

É natural que haja convergência entre alguns desses desdobramentos: o foco no corpo pode estar atrelado à violência; a paternidade muitas vezes está vinculada à educação; o amor, outros afetos e emoções podem se manifestar em quase todos os demais tópicos. E ainda há outras combinações possíveis de proximidades e cruzamentos de temas. Em diversas circunstâncias, porém, a focalização de um desdobramento será preponderante, permitindo que aquela questão seja o eixo do trabalho. Alguns dos desdobramentos contêm enumerações, como os itens “h”, “j” e “q”: a conexão entre elas é muito íntima, daí seu agrupamento; mas isso obviamente não impede que o interesse recaia sobre apenas um dos elementos. Um breve detalhamento de dez desses tópicos passa a ser apresentado a seguir. A restrição a dez tópicos deve-se ao limite de espaço.

a) as masculinidades segundo o espaço geográfico

Esse desdobramento remete a interesses nas manifestações das masculinidades de acordo com o lugar de origem ou ocupado pelos homens em questão. A princípio, pensei nessa subdivisão como a opção mais adequada para a análise do homem brasileiro e suas especificidades na expressão de traços que comporiam uma masculinidade nacional em contraste com homens de outras nacionalidades. A imagem, obviamente, é perigosa e pode deslizar para generalizações, preconceitos e estereótipos, além de entrar em atrito com outro tópico – a masculinidade hegemônica e as masculinidades subalternas – que pressupõe justamente a existência de condições a que são expostos os homens favorecendo a identificação de situações muito diferentes no que se refere às relações de poder. Ainda assim, menosprezar peculiaridades nacionais ou regionais, como se elas não existissem, também não é prática das mais recomendadas e desrespeita questões locais que podem exercer seu fascínio. De fato, com os devidos cuidados, é tentador se voltar para representações do homem gaúcho, do homem paulistano, do carioca, do nordestino ou ainda dos contrastes entre o homem da cidade grande e o homem rural, entre o homem dos bairros nobres e o homem da periferia miserável. Os trabalhos de Ramirez (1995) e de Jablonski (1995), respectivamente sobre o machismo no homem de Porto Rico e sobre a permanência do machismo, são referências relevantes para estudos nesse campo.

b) as masculinidades segundo contextos de época

A ideia dessa subdivisão decorre do eventual desejo de se concentrar em algum recorte específico de tempo. É inegável que as últimas décadas do século XX e este início do século XXI despertam grande curiosidade, especialmente entre jovens pesquisadores, muitas vezes encantados pelo desafio de compreender melhor a vida contemporânea. O tempo presente, de fato, favorece o surgimento de textos literários que contenham mais diversidade na representação do universo masculino. Entretanto, isso não significa que outros períodos da história e os textos produzidos nesses momentos não guardem exposições preciosas de traços das masculinidades. A apresentação da temática sob essa diversificação de correlações temporais é um modo ainda de contribuir para a possibilidade de confrontar produções escritas em diferentes épocas, o que pode diminuir a tendência a considerar a contemporaneidade um momento radicalmente diferente dos tempos predecessores. O levantamento realizado no Banco de Teses da Capes revelou pesquisas já realizadas, sob essa perspectiva, com o foco voltado para o século XIX, a respeito de Machado de Assis e Adolfo Caminha. Autores do século XX também representam ricas frentes de pesquisa. Os artigos reunidos no livro organizado por Del Priore e Amantino (2013) constituem também material indispensável para essa forma de abordagem.

c) o corpo

Tomar o corpo como um dos caminhos de pesquisa no âmbito das masculinidades deve ser atitude acompanhada pelo reconhecimento da existência de novos desdobramentos. Naturalmente, uma das possibilidades é a análise de como os autores se concentram sobre o próprio corpo masculino, o que corresponde a foco menos recorrente do que os olhares dirigidos ao corpo tradicionalmente desejado: o feminino. A obsessão do homem pelo corpo da mulher, que, com certeza, já rendeu centenas de páginas, é inclusive o mote da crônica "Saudade", escrita por Luis Fernando Verissimo e incluída em *A velhinha de Taubaté* (1984): dois naufragos, perdidos há muitos anos em uma ilha deserta, se recordam de partes do corpo feminino, como pescoço, antebraço, seios, nuca, coxas etc. A ideia do corpo masculino cultuado nas academias de ginástica não só é uma imagem contemporânea comum como também já consta registro do desgaste deste culto: algo que Courtine (2013: 556) denomina "sentimento de crepúsculo do pênis". Em textos literários escritos a partir da segunda metade do século XX, com menor incidência de pudor, a descrição de corpos de homem que se apresentam como sujeitos do desejo sexual tende a ser facilmente localizável. Nesse mesmo período de tempo, o corpo masculino como objeto de desejo visto pela mulher ou por outro homem passa também a ser menos raro. Pereira (1995) se detém sobre essa questão como tendência contemporânea ao abordar espetáculos de *strip tease* ao vivo e em telenovela, assim como Monteiro (2013) se debruça sobre a erotização do homem em revistas masculinas. As variações no enfoque do corpo seguem, portanto, a linha de desconstrução de gênero em sintonia com a multiplicidade dos desejos e com a liberdade dos usos corporais.

d) estudos de masculinidades e estudos feministas

Pesquisas de cunho mais estritamente teórico são direções possíveis também na esfera das masculinidades. Os vínculos dos trabalhos sobre homens com os estudos feministas são, com frequência, ressaltados pelos pesquisadores. Entre os quatro conjuntos de homens estudados por Connell (2005: 120), um deles é apresentado como “um grupo de homens que se esforçou para reformar sua masculinidade, parcialmente em virtude da crítica feminista”. Já autores como Medrado e Lyra (2008) trazem para o próprio título do artigo essa conexão: “Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades”. Como se pode notar, essa nítida aproximação teórica não é inédita, o que força ao estabelecimento de recortes para evitar incorrer em repetições. A questão, porém, é muito ampla e pode ser encaminhada a partir da viabilidade do aproveitamento de estratégias da crítica literária feminista no âmbito das masculinidades ou de reinterpretções de produções literárias brasileiras sob a perspectiva das masculinidades, mas tendo como ponto de partida exercícios da crítica feminista já realizados. Um desafio ainda – árduo, sem dúvida – é investigar quais são os posicionamentos ideológicos de textos literários contemporâneos com focos e ênfases sobre uma redefinição das masculinidades, mas, ao mesmo tempo, sem se caracterizar como produções plenamente feministas. Neste plano, são relevantes as reflexões de Figueroa-Perea (2013) sobre a necessidade de superação do maniqueísmo na abordagem das experiências masculinas.

e) as masculinidades e os gays

A visibilidade crescente e relativamente recente dos homossexuais masculinos põe em cena valores e comportamentos que têm relação direta com as masculinidades. O contraponto representado pelos gays contribui para a quebra de unidade e de harmonia que seria a base homogênea da composição masculina. Focalizar essas interações – encontros entre homens heterossexuais e homossexuais, referências de homens heterossexuais a gays, pontuadas ou não por registros de homofobia, ou mesmo representações e discursos de gays que levem em consideração marcas das masculinidades – é um percurso que pode viabilizar o entendimento maior de questões como convivência e (in)tolerância no cotidiano dos homens. Trevisan (1997: 87) acredita que a maior visibilidade da homossexualidade “acirra as contradições no sentido de tirar a máscara do masculino imposto, apontando para um masculino temperado por nuances nas quais cabem o frágil e o sensível”. Trazer para a pesquisa questões como sensibilidade ajuda a aguçar, também no próprio pesquisador, as perspectivas analíticas e permitir que ele fuja dos lugares comuns que podem funcionar como armadilhas no trato das experiências masculinas. Eleger estas correlações como foco central da pesquisa requer ainda o diálogo com a não tão incipiente fortuna crítica e teórica dos *queer studies*, em circunstâncias que se assemelham aos vínculos já comentados entre as masculinidades e os estudos feministas. O trabalho de Tamagne (2013) é muito elucidativo para o foco desta questão.

f) a violência

Conforme já foi apontado, a violência é uma das questões correlatas das masculinidades em contato com outros desdobramentos da temática, como o corpo. A ideia da força física, como componente masculino empregado muitas vezes para exercer a dominação, encontra amparo efetivamente no cuidado e no desenvolvimento do corpo do homem. É a expectativa de dominação sobre a mulher que leva Nolasco (1997: 26) a ressaltar o aparecimento da violência na condição de estratégia de submissão. A ocorrência de atos violentos, em diferentes graus e com consequências também diversas, porém sempre nefastas, é tão comum que Machado (2004: 41) relata, a partir de pesquisa com apenados, uma espécie de auto-absolvição na qual o estupro é naturalizado e deveria ser entendido não como uma transgressão, uma vez que o ato corresponderia àquilo que todo homem faz. Essa banalização da violência, frequentemente associada com as práticas masculinas, é objeto das reflexões de vários outros estudiosos, como Cecchetto (2004) e Welzer-Lang (2004) já citados, Novaes (2013) que se dedica à pesquisa com lutadores de MMA, e ainda Virgili (2013). Na esfera da literatura, como não poderia deixar de ser, a temática é amplamente explorada e proporciona quantidade imensa de material, sobretudo na prosa de ficção produzida a partir da segunda metade do século XX.

g) a paternidade

A figura do pai é forte demais no imaginário para deixar de compor, individualmente, uma das possibilidades de pesquisa no plano das masculinidades. São muitas as articulações, procedências e facetas da questão, e dentre elas sobressaem as contribuições psicanalíticas. As preocupações sobre a paternidade multiplicam-se com a passagem do tempo e com ajustes que, gradativamente, se instalam nas relações de gêneros. Neste sentido, Baubérot (2013: 210) avalia a redefinição da paternidade sem qualquer ilusão de que seja um processo simples: “A figura do ‘novo pai’, que se impôs progressivamente desde os anos de 1970, aparece então em toda sua complexidade.” Como exemplo desta complexidade, o estudioso aproxima a transformação do desempenho paterno das práticas masculinas e constata a contradição quanto à desigualdade no exercício de tarefas domésticas. Esta desconfiância, que põe em xeque inclusive o próprio estatuto de transformação da paternidade, está também na base dos questionamentos de Nolasco (1995: 26): “Que alterações qualitativas se fizeram no cotidiano e na representação social do pai?” O amadurecimento das reflexões sobre o assunto permite inclusive que se empregue essa mirada aprofundada sobre pais do passado representados na literatura. No contexto contemporâneo, é preciso, contudo, pensar que os arranjos familiares requerem uma abordagem elástica da paternidade, adequada a famílias monoparentais ou casais de lésbicas que têm filhos. Investigar como os textos literários lidam com tais questões é, sem dúvida, muito inquietante.

h) educação, infância e juventude

Os três elementos que compõem esse tópico seriam suficientemente amplos para constituir questões isoladas, independentes. Além das peculiaridades das fases da infância e da juventude (ainda poderia ser nomeada a adolescência), a educação pode também ser objeto de reflexões tanto na esfera familiar quanto no ambiente da

escola. Cada uma dessas variáveis contém nuances relevantes que proporcionam estudos com suas especificidades. Ao mesmo tempo, educação, infância e juventude convergem para a formação de modelos de comportamento que, em conjunto, guardam grandes semelhanças entre si. No que diz respeito a padrões de masculinidade transmitidos, ou mesmo impostos aos meninos, Barasch (1997: 98) detecta “valores que são passados consciente e inconscientemente para que ele [o menino] assuma seu papel sexual masculino, que determina que não será um fraco ou efeminado”. Tais expectativas e realizações atuam sobre diversas etapas de desenvolvimento do menino e em diversos espaços, como a casa e a escola. No âmbito da literatura, em decorrência da força que representa a memória, seja para produções narrativas seja para os textos líricos, é farto o material em que essas conjugações são abordadas. Trabalhos como os de Baubérot (2013), Muller (2013) e Seidler (1989) – este ainda tem a ousadia de acrescentar a suas análises depoimentos pessoais – concentram-se bastante na exploração da questão.

i) a heterossexualidade

Pensar a heterossexualidade poderia equivaler a pensar toda a extensão da masculinidade no território da sexualidade. Afinal, o padrão heterossexual é o grande paradigma em termos de imagem sexual a ser ostentada pela maioria dos homens. No entanto, a afirmação desta imagem, além de pressupor uma visão específica sobre o convívio dos homens com as mulheres, é construída em relação estreita com outra forma de manifestação já abordada: a homossexualidade. Ramos (2000: 48) chega a ressaltar que é justamente a negação da homossexualidade um dos principais componentes para a identificação e a apresentação dos homens heterossexuais por eles mesmos. Esse mecanismo de negar peremptoriamente qualquer vestígio de inclinação para a homossexualidade consiste, assim, na busca de uma imagem heterossexual caracterizada pela nitidez e pela ausência de ambiguidades. O impacto dessas convicções leva Butler (2015: 52) a interpretar a heterossexualidade compulsória como um traço que orienta as relações de gênero e práticas discursivas sobre elas. Assim, se é recomendável acompanhar os vínculos da heterossexualidade com outros aspectos, como a homossexualidade, é necessário também compreendê-la como uma expressão forte, capaz de produzir efeitos decisivos sobre os discursos literários. É muito provável que tais efeitos tenham sido negligenciados ou subestimados no decorrer de uma longa história de percursos analíticos que aceitavam o registro heterossexual como algo dado, inquestionável.

j) masculinidades hegemônicas e subalternas

O conceito de masculinidade hegemônica – referente a práticas masculinas com evidências de múltiplas hierarquias – aponta para a percepção de masculinidades subalternas que, marcadas por um desprestígio na relação com formas mais valorizadas de masculinidade, podem ser observadas nos mais diferentes contextos. O foco na questão propicia o estabelecimento de correlações entre as experiências masculinas e outras categorias como classe e etnia. Se Connell (2013: 242) detectou, na Austrália, situações que favoreciam o surgimento do conceito e a necessidade de reflexão sobre o assunto e Kimmel (1998) transportou tais ideias

para suas leituras da trajetória das masculinidades no contexto dos Estados Unidos, cabe reconhecer a possibilidade de integrar a discussão ao ambiente brasileiro. A rede de interações sociais em que se inscrevem os diferentes homens brasileiros e seus condicionamentos é tão passível de ramificações que se torna relevante, na análise de aspectos da masculinidade, colocá-los em diálogo com as experiências de negro ou de pobre, por exemplo, para uma apreensão mais completa daquele retrato. Ainda que, no Brasil, as considerações do componente étnico e do social já façam parte da tradição nos exercícios de análise literária, a articulação dessas categorias com as questões das masculinidades contribui para o alargamento das perspectivas empregadas nos estudos literários.

Autores de textos literários

Propor nomes de autores brasileiros que podem ser lidos ou relidos sob a perspectiva das masculinidades tem ares de atitude presunçosa ou obsoleta. Afinal, mesmo que um jovem pesquisador não possua uma longa história de reflexões sobre questões de gênero, ou sobre as práticas masculinas mais especificamente, as lembranças de uma e outra passagem das leituras já realizadas são suficientes para descortinar possibilidades de conexão. Neste sentido, quanto maiores forem a experiência e o repertório de leitura do pesquisador, mais imediatas serão as correspondências entre autores de textos literários e a relevância dos aspectos masculinos disponíveis para focalização. Entretanto, um breve exercício de revisão pode contribuir para tornar essas correspondências ainda mais palpáveis e consolidar a pertinência das masculinidades como objeto de estudo viável. Não há, obviamente, nesse breve passeio por vários séculos de literatura brasileira, qualquer pretensão de esgotar as possibilidades de pesquisas.

Entre autores anteriores ao Romantismo, já é possível destacar os poemas líricos e os satíricos de Gregório de Matos como material significativo para o enfoque da temática. O mesmo vale para poetas árcades e suas construções líricas e amorosas em que sobressaem referências a musas: Cláudio Manuel da Costa, Silva Alvarenga, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto estão entre os principais do período.

No conjunto das expressões do Romantismo, projetam-se os poemas de temática amorosa nos quais o sujeito lírico está carregado de um desejo masculino pela mulher amada. Essa explosão de sentimentos é verificada nos versos de Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Junqueira Freire e Castro Alves, entre outros. Nos romances, as manifestações de masculinidade são percebidas nos heróis indianistas e nos sertanejos de José de Alencar, Franklin Távora e Bernardo Guimarães, mas talvez com vigor ainda maior nos textos urbanos de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo.

Entre o final do século XIX e o início do século XX, despontam autores com obras importantes no que se refere à emergência das masculinidades. Além da riqueza de personagens construída nas obras de Machado de Assis e Adolfo Caminha, já mencionados e objetos de trabalhos de pós-graduação, cabe citar Raul Pompéia, autor de *O Ateneu*, romance que promove intenso aprofundamento no universo das experiências masculinas da infância, da adolescência e da vida adulta. Artur Azevedo, tanto pelo teatro quanto por seus contos, é também autor bastante voltado para uma representação inusitada dos homens. E ainda Lima Barreto merece

ser mencionado em decorrência do foco sobre as masculinidades subalternas e do caráter misógino que frequentou seus escritos confessionais e suas crônicas.

Nos prosadores modernistas e de meados do século XX, traços múltiplos das masculinidades podem ser pesquisados em Mario de Andrade (o conto “Frederico Paciência” e o romance *Amar, verbo intransitivo* são ricos na questão), em diversos romances e no volume *Infância*, de Graciliano Ramos, nos romances de José Lins do Rego em que o homem trava duelo com a terra, nos muitos jagunços imersos em batalhas criados por Guimarães Rosa, nos tipos variados da obra de Jorge Amado (só *Dona Flor e seus dois maridos* garante muito trabalho) e ainda na produção pouco estudada de Lúcio Cardoso. Entre poetas do mesmo período, há, no mínimo, dois nomes centrais: Carlos Drummond de Andrade e Vinicius de Moraes, que já antecipam, com habilidade poética, a carga erótica sob a perspectiva masculina a ser bastante explorada na sequência do século. O teatro, e também contos e crônicas, de Nelson Rodrigues constituem vasto material de trabalho sobre os inúmeros homens atormentados pelas infidelidades.

Entre autores que se projetam com maior intensidade a partir da segunda metade do século XX, na prosa, podem ser ressaltados: Rubem Fonseca e sua galeria de homens heterossexuais; Dalton Trevisan, com o retrato cru da opressão masculina; Caio Fernando Abreu e a presença marcante dos homossexuais; Roberto Drummond e o foco sobre a violência masculina; João Gilberto Noll e as indefinições quanto a imagens dos homens; Edgard Telles Ribeiro, com retratos e dilemas da vida conjugal e da infidelidade; Sérgio Sant’Anna, com as experimentações narrativas em torno da sexualidade; Moacyr Scliar e o toque insólito na composição de personagens masculinas; e Luiz Vilela, com as hesitações e perplexidades do homem das últimas décadas. Entre poetas desse período, restrinjo-me a dois nomes: Glauco Mattoso, por seus sonetos e também pela construção de dicção inventiva e menos homogênea para a voz masculina, e Rubens Rodrigues Torres Filho, pela capacidade de dar estatuto poético a uma vida sexual masculina já mergulhada no prosaico.

No século XXI, a exposição das masculinidades ganha enorme projeção, especialmente em textos de ficção e de autoficção. Assim, nomear autores relevantes que se detêm sobre a questão seria exaustivo e passível de diversas omissões. Ao mesmo tempo, julgo interessante a referência a um gênero pouco representado nos parágrafos e épocas anteriores que, embora não seja novo, passa a abordar com destaque a vida masculina. Trata-se da crônica que, após o êxito de Luis Fernando Verissimo e sua dedicação a tipos masculinos e femininos da classe média envolvidos nas peripécias da vida privada, passa a ter representantes que trazem o universo masculino para o primeiro plano. São, sobretudo, os casos de Xico Sá e Carpinejar, cujos títulos de livros e de crônicas já servem como demonstração do apego à temática. De Xico Sá podem ser citados os títulos e os subtítulos dos últimos três livros: *Modos de macho & modinhas de fêmea: a educação sentimental do homem* (2003); *Chabadabadá: aventuras e desventuras do macho perdido e da fêmea que se acha* (2010); e *Os machões dançaram: crônicas de amor & sexo em tempos de homens vacilões* (2015). De Carpinejar são transcritos títulos de crônicas: “Pai materno”, “O que um homem quer?”, “O canalha arrependido”, “Conversa de homem”, “Homem perfeito”, “Pau duro”, “Não se come uma mulher”, “Banheiro masculino”, “Infidelidade masculina”, “Cueca no box”, “Gay heterossexual”, “Esqueço que tenho um pau”, “Para que servem os homens”, “Quando o homem fingir o orgasmo”,

“Casado na festa de solteiro” e “Já broxou?”. Além dos dois, devem ser citados ainda os cronistas Marcelo Rubens Paiva e Fernando Bonassi, cujos textos dão relevância às experiências masculinas contemporâneas.

Conforme as ressalvas feitas no início desta seção, não se pretende, com este elenco de autores, chegar a uma lista completa. É bastante viável, por exemplo, um levantamento mais detalhado de escritores menos canônicos que tenham produzido material estimulante quanto ao enfoque das masculinidades. Sobre a maioria dos autores citados aqui, já há, com certeza, também muitos estudos realizados, alguns eventualmente girando em torno de aspectos da vida masculina. Isso exige uma investigação da fortuna crítica dos autores, para que a pesquisa proposta não repita trajetos já percorridos. Textos de autoria feminina também são objetos de estudos possíveis e instigantes, desde que a ênfase da pesquisa esteja voltada para a representação do masculino. Do mesmo modo, a abordagem de textos diferentes daqueles mais habitualmente eleitos para pesquisa – romances, poemas, contos, peças de teatro e crônicas – pode ser opção pulsante. Cartas, ensaios, diários e textos de natureza autobiográfica correspondem a um campo que tem sido explorado há algum tempo, mas ainda guarda várias frentes de trabalho. Uma questão importante para os caminhos de pesquisa aqui sinalizados é a necessidade de estabelecer diálogo entre os textos literários selecionados e as contribuições teóricas que já estão disponíveis. Mesmo que grande parte do material não se enquadre perfeitamente como reflexões do campo literário, trata-se de referencial fundamental para o pensamento sobre as masculinidades. Assim, vamos à discussão do conjunto bibliográfico cujas referências são incorporadas ao final deste artigo.

Bibliografias

As referências bibliográficas apresentadas a seguir não se limitam a textos citados no decorrer do artigo. Elas são acrescidas de uma seleção de livros sobre masculinidades escritos em língua estrangeira e de uma relação que, mesmo incompleta, reúne títulos relevantes no âmbito das publicações específicas sobre masculinidades, em português: livros escritos ou organizados por autores brasileiros e traduções de obras de autores de outras nacionalidades publicadas em edições brasileiras. Os objetivos desta ampliação são reunir as referências que se encontram esparsas nas bibliografias de artigos e livros e oferecer aos interessados na temática um conjunto mais extenso de fontes.

A seleção de livros sobre masculinidades escritos em língua estrangeira e sem tradução para o português foi feita com base na leitura de algumas das obras, em pesquisas nos meios eletrônicos e em consultas às referências bibliográficas dos textos impressos e eletrônicos mais acessíveis. Cabe a observação de que a segunda edição do livro de Connell (2005) contém farta bibliografia: são quase trinta páginas de títulos de autores de diversas nacionalidades e áreas do conhecimento. Uma das preocupações nesses levantamentos foi selecionar livros cujos assuntos centrais fossem especificamente as masculinidades. Isso explica a ausência de textos sobre temas correlatos e, às vezes, até indispensáveis para pesquisas sobre homens, como gênero, relações de gênero, feminismos, crítica feminista, sexualidade, homossexualidade etc., embora haja, nas referências, volumes que articulam as masculinidades com esses temas. Também foram evitados artigos publicados em

revistas para que fossem privilegiados trabalhos mais extensos sobre a questão. Entre os livros incluídos, foram valorizados títulos que aparecem com maior frequência nas referências do material lido e pesquisado. Publicações de autores como Brod, Clatterbaugh, Connell, Cornwall, Gilmore, Gutmann, Kimmel, Messner, Pleck, Segal e Seidler são destaques entre esses. Tiveram prioridade, também, obras que promovem a aproximação entre os estudos literários e as masculinidades, como as de Baker, Benson, Robinson e Travis. Houve, ainda, primazia concedida a livros que exploram as conexões entre as masculinidades e os desdobramentos da temática (amor, heterossexualidade, mídia etc.), tanto aqueles que foram mais comentados aqui quanto os demais. Por fim, deve-se ressaltar que a seleção privilegiou publicações recentes (feitas nos últimos dez ou quinze anos) que, na maioria das vezes, não constam das referências bibliográficas das obras acessadas.

A inclusão de publicações específicas sobre masculinidades, em português, é sujeita a vários deslizes e omissões. Embora não haja pretensão de que as referências acrescentadas contendam a totalidade dos livros sobre masculinidades publicados em português, há o propósito de disponibilizar um número maior de informações acerca do que circula ou já circulou no meio editorial sobre o assunto. Artigos em periódicos não foram incluídos por motivos de limites de espaço: uma consulta, com o assunto “masculinidades”, ao Portal de Periódicos da Capes revela 301 artigos, sendo que mais de um terço deles é de autores brasileiros. Publicações como *Estudos Feministas* e *Caderno Pagu* são responsáveis pela edição de grande parte destes trabalhos. Na introdução de seu livro, *A construção social da masculinidade*, fruto de tese defendida já no século XXI, Pedro Paulo de Oliveira relata “uma imensa dificuldade” (2004: 15) para a localização de estudos sobre o assunto realizados no Brasil. Passados pouco mais de dez anos, o acesso a textos e livros melhorou sensivelmente; no que se refere a artigos acadêmicos, as facilidades são ainda maiores. Alguns problemas aparecem, porém: livros esgotam-se rapidamente e, muitas vezes, saem de circulação; as informações disponibilizadas sobre as publicações são frequentemente precárias; além disso, as editoras, em muitos casos, demoram a assumir investimentos de traduzir obras relevantes, como o livro *Masculinities*, de Connell, publicado em inglês há mais de vinte anos e ainda sem tradução no Brasil. Os dados bibliográficos aqui apresentados são uma tentativa, contudo, de minimizar os percalços que podem ser encontrados em pesquisas sobre masculinidades.

Considerações finais

O debate sobre a crise do homem ou da masculinidade é intenso em diversos ambientes contemporâneos. Ele percorre a mídia, como já notou e refletiu a respeito Goldenberg (2000), a literatura, como se percebe em tantas crônicas de Xico Sá, e é trazido também para o centro das discussões acadêmicas por quase todos os estudiosos que se ocupam das experiências masculinas. Frequentemente essa crise é vinculada a ajustes recentes nas relações de gêneros ou é interpretada como condição “reativa”, uma resposta ou reação que depende especificamente das atitudes das mulheres, como faz Badinter (1993: 11). Das leituras desta crise, emerge um argumento segundo o qual o homem seria uma vítima dos novos tempos, um ser desprovido de poder sobre quem recaem exigências, cobranças e acusações de toda

sorte. O argumento constitui o discurso vitimista, espécie de compensação para as incertezas e os deslocamentos experimentados pelos homens.

No plano das avaliações acadêmicas, porém, essa crise é questionada, posta sob suspeita, desmascarada e até negada: Ramos (2000: 54) chega a ponderar que, mesmo os homens, se indagados sobre a crise, recusariam admitir uma crise da masculinidade. A ideia do homem como vítima efetivamente se sustenta mal diante de notícias regulares e índices alarmantes de violência cometida por ele contra mulheres e gays. A ideia é claudicante quando acompanhamos o vigor de setores conservadores, na esfera política, que vetam projetos educacionais dirigidos à discussão dos gêneros e ao combate de preconceitos. Diante destas situações, quem são as vítimas? Que poder foi perdido? Antigos desequilíbrios persistem, não foram suplantados por uma nova ordem que supostamente teria invertido posições. O sentimento de crise, portanto, coexiste com contra-argumentos que problematizam os impasses do homem contemporâneo.

Neste quadro de indefinições, o que está ao alcance da literatura e dos estudos literários? É óbvio que homens e mulheres estão por trás das construções de textos literários e, assim, não vão se abster de compor retratos e discursos que evidenciam relações, pensamentos e práticas dos universos masculino e feminino. Estes autores desempenham seus ofícios em contato com contextos e valores que se modificam e são modificados por eles. A literatura é, portanto, um espaço de experimentações também dessas matérias que movimentam homens e mulheres. Um autêntico laboratório, posto a serviço de observações que precisam ser atentas e que requerem, ainda, doses de sensibilidade para o acompanhamento das experiências. Os estudos literários não devem abdicar de uma concentração ativa sobre todas essas práticas, pois esse mergulho no processo de criação dos escritores e a alimentação do diálogo com as reflexões teóricas sobre as masculinidades serão muito produtivos para amadurecer os modos de ler, discutir e reavaliar potencialidades da vida masculina.

Realizar pesquisas sobre as masculinidades a partir do contato com a literatura representa, portanto, uma oportunidade de ingressar no universo das práticas dos homens por intermédio de quem já se exercita na criação e na recriação de perfis masculinos. É da abordagem dessa perspectiva literária, em conjugação com a atenção dedicada ao ideário dos estudos das masculinidades, que podem surgir, com maior nitidez, condições para aquilo que autores brasileiros, como Nolasco e Santiago, e de outras nacionalidades, como Connell e Figueroa-Perea, projetam como um novo homem. Desse exercício resultarão, ao menos, uma prática analítica inventiva e uma forma contundente de reinterpretar os desempenhos dos homens do nosso tempo e de tempos passados.

GROUNDS FOR RESEARCHES ON MASCULINITIES AND LITERATURE IN BRAZIL

Abstract: This paper provides grounds for research on masculinities and literature in Brazil. It deals with the particularities and issues related to the study of the subject and explores its connections with other areas of inquiry, such as violence, the body, fatherhood, education, and feminist criticism. The article comments on Brazilian authors whose literary works contribute to a discussion about masculinities. It also presents information about and an analysis of the bibliography published in Brazil

and foreign countries. The aim of the article is to stimulate the emergence of research on the intersections of masculinity and literary studies.

Key-words: Masculinities; Brazilian literature; Bibliography; Men.

REFERÊNCIAS

ABOIM, Sofia. *Plural masculinities: the remaking of the self in private life*. Surrey: Ashgate, 2010.

ADORNO, Rubens de C. F. et. al. *Jovens, trajetórias, masculinidades e direitos*. São Paulo: EDUSP, 2015.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. *Nordestino: uma invenção do falo - uma história do gênero masculino*. Maceió: Catavento, 2003.

ALMEIDA, Maria Isabel M. de. *Masculino/feminino: tensão insolúvel*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.

ALÓS, Anselmo Peres. *A letra, o corpo e o desejo: masculinidades subversivas no romance latino-americano*. Florianópolis: Mulheres, 2012.

ARAÚJO, Eronides Câmara de. *Homens traídos e práticas da masculinidade para suportar a dor*. Curitiba: Appris, 2015.

ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra; MEDRADO, Benedito. (Orgs.) *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS/Ed. 34, 2001.

ARMENGOL, Josep; CARABI, Angels (Ed.). *Debating masculinity*. Harriman: Men's Studies Press, 2009.

ARMENGOL, Josep; CARABI, Angels *Alternative masculinities for a changing world*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2014.

ASHE, Fidelma. *The new politics of masculinity*. London: Routledge, 2007.

BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BAKER, Brian. *Masculinity in fiction and film*. New York: Continuum, 2006.

BAKER, *Contemporary masculinities in fiction, film and television*. New York: Bloomsbury Academic. 2015.

BARASCH, Mara. Sexo e afeto no cotidiano do homem. In: CALDAS, Dario (Org.). *Homens*. São Paulo: Senac, 1997.

BARKER, Gary T. *Homens na linha de fogo: juventude, masculinidade e exclusão social*. Trad. Alexandre A. Valadares. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). *História da virilidade*. vol. 3: a virilidade em crise?. Trad. Noéli C. de Melo e Thiago A. L. Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.

- BENSON, Josef. *Hypermasculinities in the contemporary novel*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield: 2014.
- BERGER, Maurice; WALLIS, Brian; WATSON, Simon. *Constructing masculinity*. London: Routledge, 2012.
- BOECHAT, Walter. (Org.). *O masculino em questão*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- BORDO, Susan. *The male body: a new look at men in public and in private*. New York: Farrar, Strauss and Giroux, 1999.
- BORIS, G. D. J. B. *Falas de homens: a construção da subjetividade masculina*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria Estadual de Cultura, 2002.
- BROD, Harry; KAUFMAN, Michael. *Theorizing masculinities*. Thousand Oaks: Sage, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria H. Kuhner. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BUCHBINDER, David. *Studying men and masculinities*. London: Routledge, 2013.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 8. ed. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CALDAS, Dario (Org.). *Homens*. São Paulo: Senac, 1997.
- CASTAÑEDA, Marina. *O machismo invisível*. Trad. Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: A Girafa, 2006.
- CECCHETTO, Fátima Regina. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- CLATTERBAUGH, Kenneth. *Contemporary perspectives on masculinity: men, women and politics in modern society*. Boulder: Westview, 1997.
- CONNELL, R. W. *Masculinities*. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2005.
- CONNELL, R. W. *Gender and Power*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- CONNELL, R. W. *The men and the boys*. Oxford: Blackwell, 2000.
- CONNELL, R. W. M Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*. v. 20, n. 2, 1995.
- CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos feministas*, vol. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.
- CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: NVersos, 2015.
- CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da virilidade*. 3 vol. Trad. Noéli C. de Melo e Thiago A. L. Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CORNWALL, Andrea; LINDISFARME, Nancy. *Dislocating masculinity*. London: Routledge, 2003.
- COSTA, Rosely G. Mediando oposições: sobre as críticas aos estudos de masculinidades. In: ALMEIDA, H. B. D. et al. (Ed.). *Gênero em matizes*. Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2002.

- COURTINE, Jean-Jacques. Robustez na cultura: mito viril e potência muscular. In: COURTINE, Jean-Jacques. (Org.). *História da virilidade*. v. 3: a virilidade em crise?. Trad. Noéli C. de Melo e Thiago A. L. Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CUSCHNIR, Luiz; MARDEGAN JR., Elyseu. *O homem e suas máscaras*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2013.
- EDWARDS, Tim. *Cultures of masculinity*. London: Routledge, 2004.
- ESTACOLCHIC, Ricardo; RODRIGUEZ, Sergio. *Filhinhos de mamãe: destinos da sexualidade masculina*. Trad.: Francisco F. Settineri. Salvador: Ágalma, 2011.
- FIGUEROA-PEREA, Juan-Gillermo. Algunas reflexiones sobre el estudio de los hombres desde el feminismo y desde los derechos humanos. *Estudios feministas*, vol. 21, n. 1, p. 371-393, 2013.
- FOGEL, G.; LANE, F.; LIEBERT, R. (orgs.). *Psicologia masculina: novas perspectivas psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- FREYRE, Gilberto. *Modos de homem & modas de mulher*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- GARCIA, Sandra. *Homens na Intimidade: Masculinidades Contemporâneas*. Ribeirão Preto: Holos, 2006.
- GARDINER, Judith Kegan. *Masculinity studies and feminist theory*. New York: Columbia University Press, 2002.
- GHILARDI-LUCENA, Maria Inês; OLIVEIRA, Francisco de (Orgs.). *Representações do masculino: mídia, literatura e sociedade*. Campinas: Alínea, 2008.
- GILMORE, David. *Manhood in the making: cultural concepts of masculinity*. New Haven: Yale University Press, 1990.
- GOLDENBERG, Mirian. O macho em crise: um tema em debate dentro e fora da academia. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.). *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- GROSSMARK, Robert; REIS, Bruce. *Heterosexual masculinities*. London: Routledge, 2009.
- GUTMANN, Matthew (Ed.). *Changing men and masculinities in Latin America*. Durham: Duke University Press, 2003.
- HAYWOOD, Chris; MAC AN GHAILL, Mairtin. *Men and masculinities*. Buckingham: Open University, 2003.
- HEARN, Jeff; PRINGLE, Keith. *European perspectives on men and masculinities*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009.
- HOOKS, Bell. *The will to change: men, masculinity and love*. New York: Simon and Schuster, 2004.
- JABLONSKI, Bernardo. A difícil extinção do boçalossauro. In: NOLASCO, Sócrates (Org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

- JENSEN, Robert. *Getting off: pornography and the end of masculinity*. Boston: South End, 2007.
- KAHN, Jack S. *An introduction to masculinities*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2009.
- KAUFMAN, Michael. *Beyond patriarchy: essays by men on pleasure, power and change*. Toronto: Oxford University Press, 1997.
- KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. In: *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre: no. 9. 1998.
- KIMMEL, Michael S. *Changing men: new directions in research on men and masculinity*. Newbury Park, CA: Sage, 1987.
- KIMMEL, Michael S. *The politics of manhood*. Philadelphia: Temple University Press, 1995.
- KIMMEL, Michael S. *The gendered society*. New York: Oxford University Press, 2013.
- KIMMEL, Michael S. *The gender of desire: essays on male sexuality*. Albany: State University of New York Press, 2012.
- KIMMEL, Michael S. *Misframing men: the politics of contemporary masculinities*. Piscataway: Rutgers University Press, 2010.
- KIMMEL, Michael S.; MESSNER, Michael A. (Eds.). *Men's lives*. Boston: Allyn and Bacon, 2001.
- KIPNIS, Laura. *Men: notes from an outgoing investigation*. New York: Metropolitan, 2014.
- LEA, Daniel; SCHOENE, Berthold (Eds.). *Posting the male: masculinities in post-war and contemporary British literature*. Amsterdam: Rodopi, 2003.
- LINS, Daniel (Org.). *A dominação masculina revisitada*. Campinas: Papirus, 1998.
- MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.
- MC ALLISTER, Peter. *Manthropology: the science of why the modern male is not the man he used to be*. New York: St. Martin's Press, 2010.
- MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Estudos feministas*, vol. 16. n. 3, p. 809-840, 2008.
- MESSNER, Michael A. *Politics of masculinities: men in movements*. Lanham, MD: AltaMira, 2000.
- MESSNER, Michael A.; SABO, Donald F. (Eds.). *Sport, men and the gender order: critical feminist perspectives*. Champaign: Human Kinetics, 1990.
- MISKOLCI, Richard. *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*. São Paulo: Annablume, 2012.
- MONTEIRO, Marko. Masculinidades em revista: 1960-1990. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2013.

- MONTEIRO, Marko. *Tenham piedade dos homens!* Masculinidades em mudança. Juiz de Fora: FEME, 2000.
- MOSSE, George. *The image of man: the creation of modern masculinity*. Oxford: University Press, 1998.
- MULLER, Angélica. Não se nasce viril, torna-se: juventude e virilidade “nos anos 1968”. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2013.
- MULLER, Magnor Ido. *Lá em casa a gente conversa!:* conjugalidade e masculinidade dos maridos das travestis. Curitiba: Appris, 2015.
- MURPHY, Peter F. *Feminism and masculinities*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- MUSZKAT, Susana. *Violência e masculinidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- NIXON, Sean. *Hard looks: masculinities, spectatorship and contemporary consumption*. New York: St. Martin's Press, 1996.
- NOLASCO, Sócrates. A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. In: NOLASCO, Sócrates (Org.) *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- NOLASCO, Sócrates. Um “homem de verdade”. In: CALDAS, Dario (Org.). *Homens*. São Paulo: Senac, 1997.
- NOVAES, Joana de Vilhena. “Aqui tem homem de verdade”. Violência, força e virilidade nas arenas de MMA. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2013.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: Iuperj, 2004.
- PEDRO, Joana M.; GROSSI, Miriam P. (Orgs.). *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Mulheres, 1998.
- PENTEADO, Fernando Marques; GATTI, José (Orgs.). *Masculinidades: teoria, crítica e artes*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.
- PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. Que homem é esse? O masculino em questão. In: NOLASCO, Sócrates (Org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- PEREIRA, E. G. B.; ROMERO, E. (Ed.). *Universo do corpo: masculinidades e feminilidades*. Rio de Janeiro: Shape, 2008.
- PLECK, Joseph H. *The myth of masculinity*. Cambridge, MA: MIT Press, 1981.
- RAMIREZ, Rafael L. Ideologias masculinas: sexualidade e poder. In: NOLASCO, Sócrates (Org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- RAMOS, Marcelo Silva. Um olhar sobre o masculino: reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.). *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

- REESER, Todd W. *Masculinities in theory: an introduction*. Cambridge, MA: Blackwell, 2010.
- ROBINSON, Sally. *Marked men: white masculinity in crisis*. New York: Columbia University Press, 2000.
- RUSPINI, Elisabetta et. al. *Men and masculinities around the world*. Basingstoke: Palgrave, 2011.
- SANTIAGO, Silviano. Arte masculina? In: NOLASCO, Sócrates (Org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- SCHNEIDER, Andreas. *The new man: masculinity after traditionalism and feminist reaction*. New York: SocioThought, 2007.
- SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.
- SEGAL, Lynne. *Slow motion: changing masculinities, changing men*. London: Virago, 1990.
- Transforming masculinities*. London: Routledge, 2006.
- SEIDLER, Victor J. *Man enough: embodying masculinities*. Newbury Park, CA: Sage, 1997.
- SEIDLER, Victor J. *Rediscovering masculinity: reason, language and sexuality*. London: Routledge, 1989.
- SHAMIR, Milette; TRAVIS, Jennifer. (Eds.). *Boys don't cry?: rethinking narratives of masculinity and emotion in the US*. New York: Columbia University Press, 2002.
- SUSSMAN, Herbert L. *Masculine identities: the history and meanings of manliness*. Santa Barbara: ABC-Clio, 2012.
- TAMAGNE, Florence. Mutações homossexuais. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). *História da virilidade*. vol. 3: a virilidade em crise?. Trad. Noéli C. de Melo e Thiago A. L. Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.
- TRAVIS, Jennifer. *Wounded hearts: masculinity, law and literature in American culture*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2005.
- TREVISAN, João Silvério. O espetáculo do desejo: homossexualidade e crise do masculino. In: CALDAS, Dario (Org.). *Homens*. São Paulo: Senac, 1997.
- TREVISAN, João Silvério.. *Seis balas num buraco só: a crise do masculino*. Rio de Janeiro: Edições de las Mujeres/FLACSO, 1997.
- VALDÉS, T.; OLAVARRÍA, J. (Orgs.). *Masculinidad/es. Poder y crisis*. Santiago: Ediciones de las Mujeres/FLACSO, 1997.
- VAN HOVEN, Bettina; HORSCHMANN, Kathrin (Eds.). *Spaces of masculinities*. London: Routledge, 2014.
- VERISSIMO, Luis Fernando. *A velhinha de Taubaté*. 4. ed. Porto Alegre: L&PM, 1984.
- VIRGILI, Fabrice. Virilidades inquietas, virilidades violentas. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). *História da virilidade*. vol. 3: a virilidade em crise?. Trad. Noéli C. de Melo e Thiago A. L. Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.

WELZER-LANG, Daniel. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHPUN, Mônica Raisal (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

WELZER-LANG, Daniel. . A construção do masculino: dominação das mulheres *Estudos Y\ca cZVU Feministas*, 2001.

WHITEHEAD, Stephen. *Men and masculinities*. Cambridge: Polity Press, 2002.

ARTIGO RECEBIDO EM 14/02/2016 E APROVADO EM 20/04/2016